

**7<sup>o</sup>.**

**congresso  
do  
algarve**

**1992**

**19**

**22 março**

VILAMOURA



7º

# congresso do algarve

## comunicações

RACAL CLUBE

VILAMOURA

19-22 Março 1992



5  
Congresso  
de  
Estatutos

Comunicações



RACAL CLUBE

ALGARVE

1970-1992

1970-1992 — 22 ANOS AO SERVIÇO DO ALGARVE

O Castelo de Salir: Estruturas habitacionais e cerâmicas do período almóada.

Helena Catarino(1)

As escavações que tenho vindo a efectuar no Castelo de Salir, graças aos apoios concedidos pela Câmara Municipal de Loulé, integram-se num projecto de estudo e valorização desta fortificação do período muçulmano. A zona arqueológica, depois de devidamente escavada, e consolidadas as estruturas, será reservada do ponto de vista turístico. O espólio mais representativo será integrado na exposição permanente do futuro museu de Loulé.

Em 1988 abordei, neste congresso, uma notícia preliminar sobre os trabalhos então iniciados (Catarino, 1988:35-38). Embora os resultados obtidos sejam ainda parcelares, apresentam-se, de momento, algumas hipóteses sobre a evolução diacrónica do local. Consideram-se três momentos de ocupação e referem-se algumas das estruturas habitacionais e cerâmicas do período almóada.

Os vestígios correspondentes a um primeiro momento de ocupação do cabeço onde está implantado o castelo de Salir, correspondem a uma fase pré-histórica. Não se identificou nenhum nível habitacional, mas recolheram-se algumas cerâmicas manuais, junto à rocha. Dessas cerâmicas, destaca-se um fragmento com mamilo, com paralelos no sítio neolítico da Caramujeira. Existem, também, outros indícios de neolitização em Salir, designadamente menhires.

O segundo momento corresponde ao período muçulmano. Neste caso, podemos considerar várias fases:

Fase I - Trata-se da preparação do solo e da construção do castelo. Sobre a brecha calcária, que caracteriza a rocha da região, construiu-se uma sapata, bem compactada. Seguindo as técnicas correntes para este tipo de fortificações, as

---

(1) Assistente na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e investigadora de UNIARCH.

muralhas elevam-se directamente sobre a sapata e apresentam uma base de pedra, fortemente argamassada, sobre a qual assentava a taipa. As dimensões de cada taipal seguíam o duplo côvado, neste caso com uma altura média entre 82 e 84cm para cada taipal. A largura das muralhas é inferior a dois metros, correspondendo, aproximadamente, a quatro côvados e meio.

A camada 7 da escavação inclui uma fossa, protegida por dois muretes, relacionada com um buraco que atravessa a muralha, servindo para escoamento de águas e protecção de infiltração das mesmas. Depois de construídas as muralhas, o interior do castelo foi devidamente nivelado (camada 6) com terras e pedras bem calcadas.

Fase II - Na camada 5 não se encontraram ainda quaisquer estruturas habitacionais. Contudo, no pequeno corte estratigráfico, efectuado no quadrado F11, identificou-se uma camada de derrubes e de incêndio, que deixou marcas na muralha e é anterior aos alicerces das paredes da fase seguinte. Embora não esteja ainda em condições de fazer afirmações peremptórias, penso que esta fase é anterior ao período almóada, pelo tipo de fragmentos de cerâmica recolhidos.

Fase III - Esta fase corresponde às estruturas habitacionais e espólio do período almóada.

Fase IV - O momento da conquista cristã é assinalado por uma camada de destruições e incêndios, que arrasam as estruturas habitacionais, e partes da muralha. Aparecem, também, algumas pontas de lança (ou de besta) em ferro, sinais evidentes de guerra. Esta fortificação foi tomada por D. Paio Peres Correia, mestre da Ordem de Santiago, e D. Afonso III durante as campanhas de 1248/1250, antes da conquista de Faro.

O terceiro momento corresponde ao período posterior à ocupação muçulmana. Trata-se das duas camadas mais superficiais, com acumulação de terras, e com a construção de um muro de pedras soltas, no quintal de uma casa em ruínas, que se sobrepõem, em parte, às antigas muralhas. De entre os vestígios materiais até agora recolhidos, são de referir fragmentos de cerâmica tardo-medieval e moderna,

faianças do século XVII e fragmentos de cerâmica de "ratinhos".

O objecto de estudo aqui apresentado refere-se à fase III da ocupação muçulmana, evidenciada na identificação de parte de uma casa almóada, destruída aquando da conquista cristã. Os paralelos, mais próximos, encontram-se em Silves, nas estruturas e espólio da camada 2 (Gomes, 1988).

Em primeiro lugar, caracteriza-se a construção do edifício. As estruturas habitacionais elevam-se a partir de caboccos que assentam sobre a camada 5. Os alicerces dos muros apresentam uma altura de cerca de 50cm e compõem-se de paredes de pedra, sendo as de maiores dimensões colocadas nas faces externas e o núcleo preenchido com pedras mais pequenas, fragmentos de telhas e argamassa de argila e cal. As paredes apresentam uma espessura média de 42 a 44cm, ou seja um côvado, e eram construídas com a técnica da taipa, menos consistente do que a empregue nas muralhas.

Construídas as paredes da casa, procedeu-se ao nivelamento interno (nível 4c), com pedras pequenas e terra bem calcada. É interessante referir que sobre esta camada apareceu uma mancha, mais ou menos circular, de cal e areia (nível 4b), provável mistura de argamassa para a preparação dos rebocos das paredes. Finalmente, o interior dos compartimentos habitacionais foram nivelados com argila e gravilha bem compactadas, servindo de base ao solo de habitat (nível 4a).

A cobertura da casa, em telhado de uma ou duas águas, assentava directamente num travejamento de madeira, reconhecível em algumas manchas carbonizadas no solo. As telhas são grosseiras, de meia cana e afuniladas, com cerca de 42cm de comprimento e uma largura máxima de 18cm e mínima de 10cm. A sua espessura é pouco variável, entre 2 e 4cm. Não apresentam quase nenhuma decoração, ao contrário das telhas do período emiral e califal, até agora recolhidas nos castelos de Alcoutim (Catarino, 1990:25-31). O tecto podia ser de telha vã ou forrado de caniços unidos com argila, técnica ainda hoje usada em algumas casas da região.

As casas muçulmanas tinham, habitualmente, uma disposição em L ou em U, com um pátio interno fechado, de modo a que o espaço habitacional se estruturasse para o

interior, com poucas aberturas para a rua. Possuíam, pelo menos, uma sala principal rectangular com uma ou duas alcovas laterais, um saguão ou vestíbulo estreito e uma cozinha, onde a lareira servia para cozinhar os alimentos e como principal fonte de luz e calor.

Na casa alameda do castelo de Salir já se identificaram alguns compartimentos habitacionais (ver planta anexa). Adossada à muralha Oeste, encontra-se uma sala rectangular com 4m de comprimento e 2,5m de largura. Apresenta um vão de porta, a Sul, com 95cm de largura e duas lages de entrada, que dá acesso a um corredor estreito, ou saguão, com cerca de 1m de largura.

No quadrado F10 identificou-se parte de um pátio que se prolonga sob o perfil Este, para uma zona onde não é possível vir a escavar, por ser um quintal particular. Este pátio apresenta um chão coberto com lages, no qual se vê, reaproveitada, uma mó manual. As lages estão destruídas em duas zonas, de perfil mais ou menos circular, onde se terão escavado silos subterrâneos.

Nos quadrados E10 e F10, escavou-se uma cozinha quadrangular, com cerca de 2,20 de lado. Trata-se de um pequeno compartimento anexo ao pátio, no qual se encontrava uma lareira rectangular com 50X70cm de lado, colocada de canto, e estruturada no solo com ladrilhos.

O espólio recolhido sobre o solo de habitat (camada 3) encontra-se, de um modo geral, em mau estado de conservação. No entanto, algumas cerâmicas possibilitam um restauro integral. Principalmente no pátio e na cozinha, junto da lareira, recolheram-se alguns desperdícios alimentares, traduzidos em ossos, sementes e caroços de azeitona.

Os fragmentos de cerâmica do período alameda concentram-se sobre o solo dos compartimentos habitacionais, sendo assinalados na planta, com um círculo e um número, os que possibilitam uma reconstituição integral.

Na maioria são fragmentos de recipientes de uso culinário e de mesa, pertencentes a panelas com vestígios de queimado aderente, grandes pratos/saladeiras e malgas com superfícies vidradas.

As panelas apresentam todas o mesmo tipo, ilustrado com dois exemplares de tamanhos diferentes. Têm um fundo

convexo, para melhor se fixarem sobre o fogo, e um corpo globular, ou com tendência bitroncocônica, por vezes com caneluras no bojo. A ligação com o colo, curto, é marcada por uma carena, ou ressalto, a formar um ombro, e o bordo pode ser plano, levemente espessado, biselado ou arredondado. As asas, de secção oval, partem sempre do ombro e terminam a meio do corpo. Alguns exemplares podem apresentar vestígios de pintura de cor branca, em traços paralelos na parte superior do bojo.

Os grandes pratos/saladeiras também podiam ser utilizados como frigideiras, apresentando, nesse caso, vestígios de queimado aderente e gorduroso. Apresentam, também, fundo convexo e o corpo tem paredes curvo-convexas até ao meio do recipiente, marcado por uma carena acentuada e paredes rectilíneas paralelas até ao bordo, de perfil arredondado, plano, ou levemente espessado.

As malgas apresentam as superfícies vidradas, de tons castanhos, melados escuros e verde azeitona. Alguns exemplares, como o nº4, têm uma decoração externa feita com cordões plásticos colocados na vertical.

Com o período almôada, aparecem outras inovações. Aos vidrados monocromos, principalmente de cor verde, acrescentam-se decorações estampilhadas, adquirindo um certo barroquismo nas grandes talhas com motivos decorativos epigráficos, vegetalistas, florais, arquitectónicos, figurativos e simbólicos. Os vidrados de cor de mel (melados) tornam-se mais opacos e escuros e desenvolvem-se as técnicas de esmaltado a branco, verde claro e amarelo.

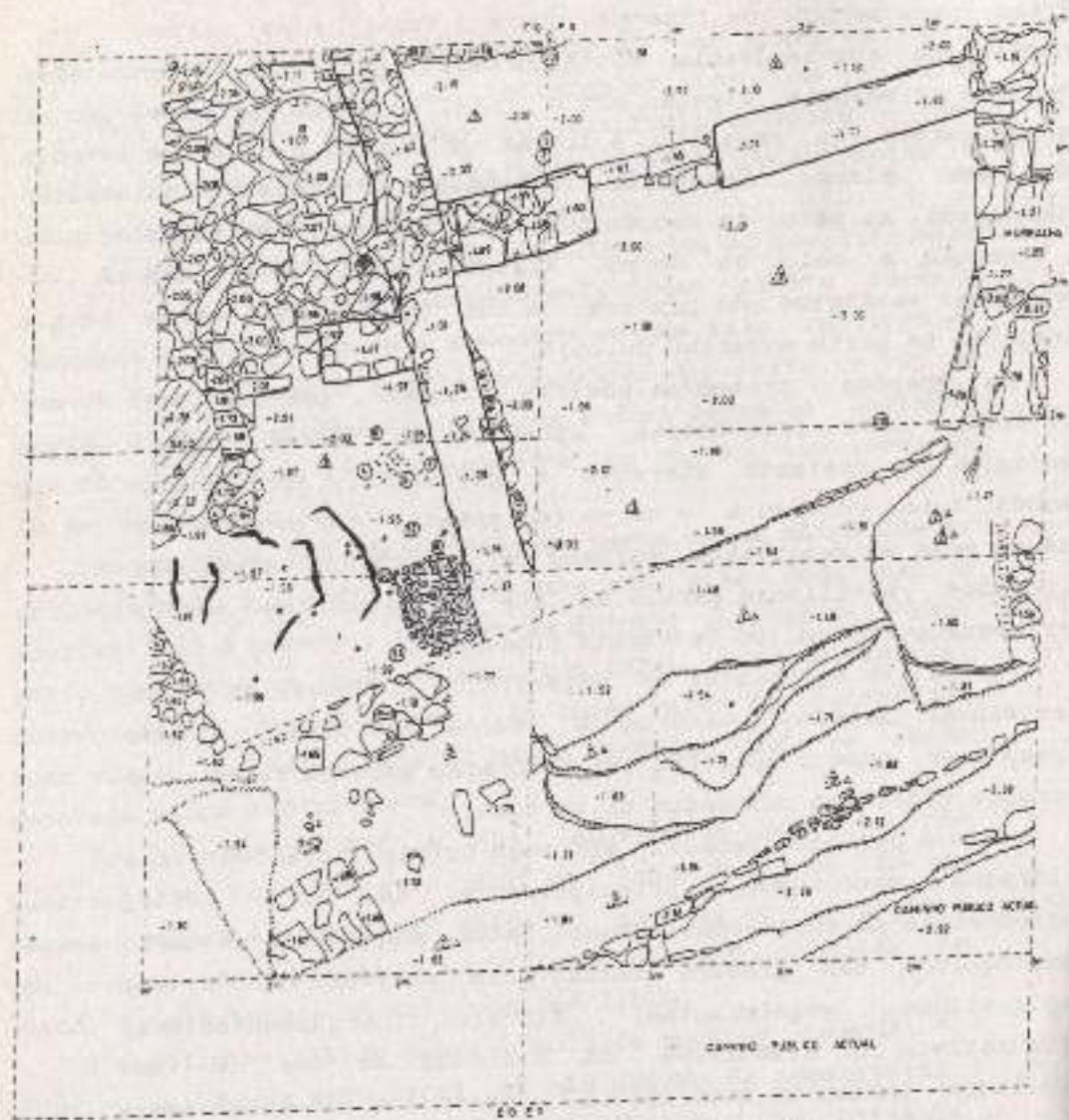
#### Referências bibliográficas

CATARINO, H. (1988) - "Escavações Arqueológicas nos Castelos de Salir e Paderne". 52 Congresso do Algarve, vol. 1, pp. 35-28.

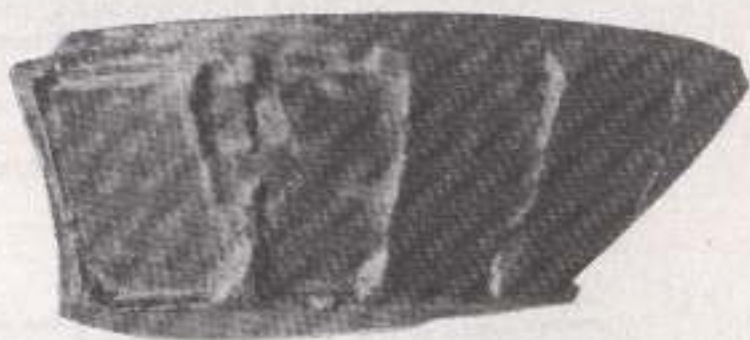
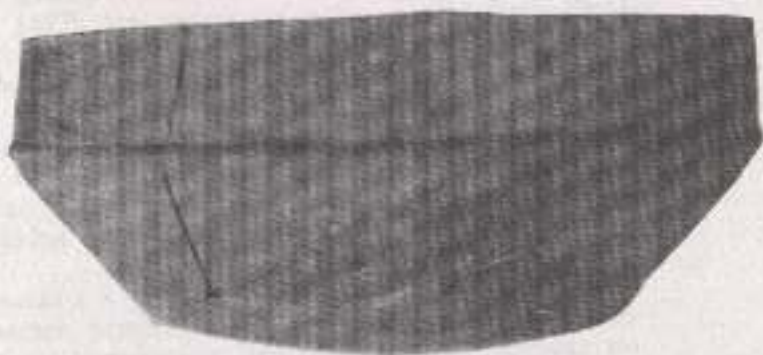
CATARINO, H. (1990) - "Vestígios Muçulmanos no Nordeste Algarvio e o Castelo Velho de Alcoutim". 69 Congresso do Algarve, vol. 1, pp. 25-31.

GOMES, R. V. (1988) - "Cerâmicas Muçulmanas do Castelo de Silves". Xeb 1, Silves.





Est. I - Castelo de Salir. Planta das estruturas habitacionais do período almóada, identificadas nos quadrados F10/F11 e E10/E11:



Est. II - Castelo de Salir. Cerâmicas do período  
almôada, recolhidas na camada 3.

